

O ODU DE WALDO MOTTA¹

THE *ODU* OF WALDO MOTTA

Wagner Silva Gomes*

Com poemas em redondilha maior, redondilha menor, decassílabos, poesia visual, percebe-se que a métrica e a forma poética na poesia de Waldo Motta são usadas para revelar o conteúdo oracular. O poeta, descendente de negros praticantes da cabula, evoca poeticamente a ancestralidade dos elementos secretos muçulmanos malês, os quais a religiosidade insere sincreticamente a estes o candomblé e cultos indígenas; e Waldo insere para além um viés judaico-cristão de interpretação da Bíblia e numerologia. Como deuses do candomblé que tiveram a descoberta de seu poder na vivência com elementos da natureza, Waldo revela em uma entrevista concedida ao programa ViceVerso, da rádio universitária da UFES, que na infância, ao tomar um banho de assento banhado com ervas medicinais que lhe curaram os males que sofria, descobriu que, o seu poder, elemento de visão, um tipo de terceiro olho (fazendo aproximação com a tradição hinduísta), estava em

¹ GOMES, Wagner Silva. O odu de Waldo Motta. *Blog Letras In.Verso e Re.verso*, 6 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.blogletras.com/2020/11/o-odu-de-waldo-motta.html>>. Acesso em: 26 maio 2024.

* Especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Faculdade Estácio de Teresina.

como iria lidar a partir daí com o ânus em sua vivência. O que faz lembrar os versos da música Mufete, do rapper Emicida: "*Dizem que o diabo veio nos barcos dos europeus/ Desde então o povo esqueceu/ Que entre os meus todo o mundo era deus*". Assim, ter nascido negro em São Mateus, uma região de resistência histórica quilombola, fez do poeta um deus. E ele confirma isso quando diz em um de seus poemas do livro *Bundo e outros poemas (1996)*:

Boa Esperança do Espírito Santo

Boa Esperança, dom
que me coube e partilho.
Embutido em teu nome,
descobri o meu destino:
combater a própria morte
e o reino de mentiras.
Norte espírito-santense,
Boa Esperança, aqui
meu segredo te desvenda:
quem eu sou e a que vim (p. 59).

Se José de Anchieta em sua poesia catequista associava a hóstia, o corpo de Cristo, ao alimento, a poesia de Waldo alimenta o corpo e o espírito com intenções de erradicar a miséria homofóbica da interpretação bíblica. Na mitologia grega, Orfeu, na Bíblia, Davi, ambos tiveram a missão de amansar as ferozes bestas. Essa é também a missão de Waldo. Se os primeiros para isso utilizaram seus instrumentos musicais, assim também faz o poeta aqui analisado, que faz uso da musicalidade dos versos em redondilha maior (com a ampliação simbólica do trocadilho - sem perdão) para assim matar a fome de corpo e espírito também das feras políticas e empresariais ruralistas BBB (ou Fazenda) - bíblia, bala e boi -, mostrando para eles que não basta apenas gostar de pasto e mugidos, mas, para uma comunhão feliz e satisfatória com o espírito santo, é preciso entender quais seriam os pastos a se plantar e se alimentar pra se matar essa fome que paira sobre os signos que estão na cultura ruralista. Revela então o poeta em poema de *Transpaixão (2008)*:

Entre Lavra e Ceifa

O fruto que nos abrandava
a fome que não se mata

nem na mesa, nem na cama
custa bem a madurar.

Do plantio à colheita
desse fruto que aplaca
a fome de liberdade,
comeremos muita grama
e repastos adversos.

Entre o verde e o sanguíneo
da madureza do fruto
existem muitos matizes,
inclusive, claro, o turvo. (p. 24).

O universo de seu Odu, ou seja, sua história em forma de poema que revela os seus ensinamentos a partir de sua vivência, parte daí. O gesto que representa o que foi falado é que, nascido Edivaldo Motta, Waldo não omite o edy, gíria gay para ânus, ele o ressignifica, assumindo assim o seu cume simbólico (presente na bunda) na base formal da letra W, como os concretistas (1950) fizeram e ainda fazem (ao menos o Augusto de Campos ainda cria poemas do tipo) dando valores contextuais aos signos linguísticos que remetem a outras linguagens (desenho, sons de objetos, publicidade etc.). Diz o poeta em poema do livro já citado (1996):

Anunciação

Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro,
Sujo e Fedorento da Rocha Dorsal,
mãe dos nove céus, a tetéia do caralhudo.
Sou a dona de todo o universo.
Estou injuriada com este povo
atolado em minhas pragas, em desgraças
que o louvor a Deus evitaria.
Ai de quem esqueceu a pedra santa
e o caminho da casa do Senhor! (p. 33).

O poeta, para efetuar a revelação divina, também combina elementos do tupi-guarani, do hebraico e gírias, formando uma vivência oracular da crônica do dia, criando um ambiente de encantamento, ou de um encantado, escapando assim à lógica “*Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano*” (Rufino; Simas, p. 5-6). Ele é o seu próprio Deus humano que é o próprio Estado, considerando o que é

criado pelo homem na vida cidadã um anseio de seu corpo e seu espírito enquanto autoconhecimento do sujeito e, sobretudo, do coletivo (cada vez que se conhece mais e se vive mais se revelam novos conhecimentos, novas leis, novos materiais) estando o desenvolvimento humano integrado à natureza e não a subjugando. É esse encantamento que evoca o poeta no livro *Terra Sem Mal* (2015):

ASSIM DISSE O TROVÃO

(...)

E assim fala Tupã,
sendo esta a resposta:
as montanhas do poente
acham-se em tuas costas.

Buscais a Terra Sem Mal,
Quereis a Terra Sem Mal,
a terra dos ancestrais,
de vossos pais e avós,
o reino celestial
da alegria e da paz?
Buscai-o dentro de vós.

Ó meu caro Kwáí,
solitária é a jornada,
e não há aonde ir.
A terra Sem Mal que buscas,
o paraíso que sonhas
sempre esteve em ti mesmo,
está em tuas entranhas

O lugar que tanto almejas
e buscas com tanto afã
encontra-se no poente:
a montanha semovente
é a pátria de Tupã,
e toda procura, além
desse território, é vã. (...) (p. 31-32).

Sobre os conceitos de encantamento e encantado dizem Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino no livro *Encantamento – sobre política de vida* (2020):

O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas.

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. Para nós, é muito importante tratar a problemática colonial na interlocução com essa orientação. Entendemos que a matriz colonial é uma das chaves para pensarmos a guerra de dominação que se instaura entre mundos diferentes. Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano. (p. 5-6).

Waldo nasceu em 27 do 10, de 1959, portanto já passou pelos 10 anos, pelos 19 anos, pelos 27 anos, e passou pelos 59 anos, completando a circularidade de vida, o que remete aos feitos ancestrais de consagração de realidades. Já fez sessenta (o que intensifica ainda mais a conclusão da circularidade). Esse número remete, com o trocadilho (cê senta – pra não deixar dúvidas), ao banho de assento, seu gesto revelador na infância, à Penha, à terra sem mal, lugar onde este poeta é louvado por reis (*"Engodo pronto pro lodo/ Tímido, porra!/ Somos reis, mano"*; como coloca o Emicida em *"Levanta e Anda"*; se se considera que há outros cidadãos brasileiros com a verve parecida com a do Waldo – herança ancestral, e poder visível de realização e influência ligados ao contexto de reis e orixás) e pelo povo por revelar as fórmulas poéticas de cura, como um orixá revela em seu Odu. Sem o perdão do trocadilho e com o perdão, porque sua poesia almeja toda a maturidade, se levada a sério, mas no seu modo lúdico, pois parafraseando o Caetano Veloso no que poderia se efetivar em vivência sociocultural, as pessoas fazem com todas essas revelações um carnaval, mas fazem tudo ainda muito mal, pois há sim uma intuição de tudo o que envolve a poética do Waldo, porém há pouca reverência. E então com Caetano, Waldo pode nos perguntar:

"(...)

Será que nunca faremos senão confirmar

A incompetência da América católica (**acrescento protestante, neopentecostal**)

Que sempre precisará de ridículos tiranos?

Será, será que será que será que será

Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos (**acrescento ânus**)?
(...)”

“Podres Poderes”, Caetano Veloso.

Referências:

LUIZ, Antônio Simas; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Mórula editorial, 2020.

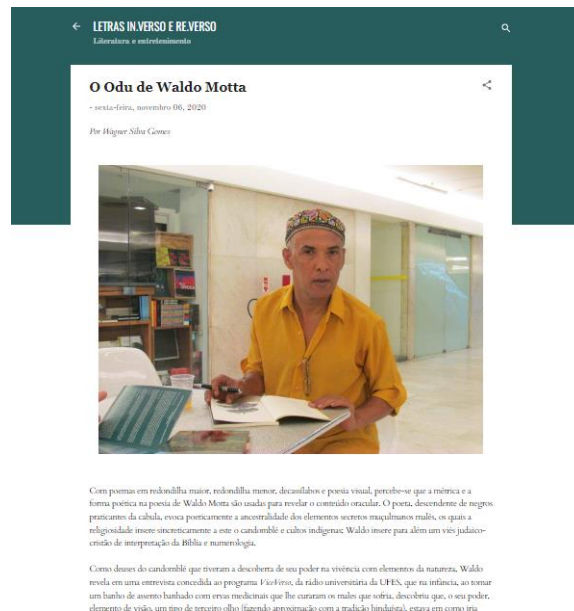
MOTTA, Valdo. *Bundo & outros poemas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MOTTA, Valdo. *Transpaixão: coletânea*/ Waldo Motta. Vitória, ES: EDUFES, 2008.

MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015.

MOTTA, Waldo; GOMES, Wagner Silva. Entrevista. Uma palavra com o autor; registro em áudio. *Sala da palavra*. Vitória, ES: SESC-Glória, 2018.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



Print da página do blog *Letras In. Verso e Re. verso*
com o artigo “O odu de Waldo Motta”, de Wagner Silva Gomes.